

# “Um Brasil, para brasileiros”: o pensamento decolonial de Carolina Maria de Jesus<sup>1</sup>

Susana de Castro<sup>2</sup>

**Resumo:** o objetivo deste trabalho é demonstrar que Carolina Maria de Jesus foi muito mais do que uma autora de um só livro, *Quarto de Despejo*. O fato, entretanto, de ela ter sido assim considerada, mostra que, na verdade, a favor do seu silenciamento trabalharam o autoritarismo e o machismo vigentes. Os brasileiros rejeitaram a ideia de que uma voz feminina negra oriunda da favela pudesse ocupar o espaço ‘puro’ da literatura e do pensamento, reservado aos membros da elite econômica brasileira.

**Palavras-chave:** Racismo – Sexismo – Favela – Escravidão

## “One Brazil, for brazilians”: The decolonial thought of Carolina Maria de Jesus

**Abstract:** The objective of this work is to show that Carolina Maria de Jesus was much more than the author of a single book, *Quarto de Despejo*. The fact, however, that she was so considered, shows that, in fact, the authoritarianism and machismo in force worked in favor of her silencing. Brazilians rejected the idea that a black female voice from the favela could occupy the ‘pure’ space of literature and thought, reserved for members of the Brazilian economic elite.

**Keywords:** Racism – Sexism – Slum – Slavery

---

<sup>1</sup> Agradeço a consultoria prestada pela estudiosa da obra de Carolina, Raffaella Fernandez. Sua ajuda foi fundamental na redação desse trabalho. Sem o seu apoio técnico não teria conseguido apresentar a ‘Carolina decolonial’ aos leitores, dado o mundaréu de informações desconstruídas sobre sua vida e obra, e as fontes imprecisas existentes. Recomendo ao leitor interessado em conhecer mais sobre Carolina que se utilize do livro de Fernandez, resultado da sua tese de doutorado na Unicamp, *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus* (2019) como ‘mapa’ de leitura, para não se perder e acabar se deparando com um beco sem saída. Trabalhando com a temática da editoração dos livros a partir dos manuscritos, e pesquisando no acervo de Carolina, Fernandez desconstrói a ideia elitista de que Carolina seria uma escritora intuitiva e espontânea, desprovida de método e rigor.

<sup>2</sup> Susana de Castro é Professora na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde coordena o laboratório Antígona de Filosofia e Gênero. Coordena os projetos de pesquisa de extensão “Temas filosóficos na literatura” e “Vozes de Mulheres”. E-mail: susanadec@gmail.com.

“Após a libertação dos escravos e a Proclamação da República, o que restou para o Brasil foi um saldo de analfabetos”<sup>3</sup>

Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus (1914-1977)<sup>4</sup> foi uma das maiores intelectuais brasileiras. Seu relato, na forma de diário, sobre a sua vida e a de seus três filhos em uma favela de São Paulo que ficava às margens do rio Tietê, *Quarto de Despejo, diário de uma favelada* (1960), traduzido para 13 línguas e vendido em mais de 40 países, figura entre os livros mais conhecidos no exterior<sup>5</sup> sobre o Brasil<sup>6</sup>. O livro fez um estrondoso sucesso na época do seu lançamento em maio de 1960. Apenas três meses depois, em agosto, já havia seis edições da obra, cada qual com uma tiragem de 10 mil exemplares. Graças ao sucesso de venda, Carolina conseguiu deixar seu barraco de madeira na favela do Canindé e ir morar em casa própria de alvenaria no bairro de classe média baixa, Santana. Saiu do ‘quarto de despejo’, como ela chamava a favela, e foi para a ‘sala de visitas’, como ela chamava os bairros asfaltados da cidade. A favela é um ‘quarto de despejo’ porque nela, assim como no quarto destinado a guardar coisas velhas da casa, são ‘despejados’ todos os indivíduos ‘indesejados’ da cidade: os desempregados, os miseráveis, enfim, os que não são mais úteis à sociedade; os que são expulsos de suas terras por causa da seca, como os nordestinos; ou os que são expulsos do perímetro urbano por causa da especulação imobiliária, como os moradores das habitações coletivas ocupadas; ou os moradores de cortiços, que são obrigados a deixar suas casas para que elas sejam demolidas e em seu lugar sejam construídos prédios para a classe média paulistana; todos são obrigados a sair do centro e ir para a margem, para a periferia. A ‘sala de visitas’ representa o espaço urbano, civilizado, dos trabalhadores ordinários, assalariados, que podem usufruir de transporte público, da água encanada e da luz elétrica porque pagam impostos; o ‘quarto de despejo’, as moradias precárias, de madeira, sem luz, construídas próximas aos centros de abastecimentos, mas em localidades insalubres, como a várzea do rio Tietê, lamacenta e úmida. Essa mudança radical, na vida de uma mulher negra, favelada, e de seus filhos, que conseguem sair, de uma hora para outra, da extrema miséria para uma situação de ‘luxo’, dada as condições anteriores, lembra as mudanças repentinas das princesas dos contos de fada, que mudam da tristeza e sofrimento para a riqueza e beleza tão logo encontrem seu príncipe encantado. Por ter esse caráter quase ‘mágico’, Robert Levine e José Carlos Sebe Bom Meihy deram o título de *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus* ao seu trabalho de pesquisa sobre Carolina, considerado até hoje uma fonte de referência central no estudo da vida e obra da escritora mineira, publicado em 1994 pela

---

<sup>3</sup> JESUS, *Provérbios*, p. 30.

<sup>4</sup> Não se sabe ao certo se esse é o ano de nascimento de Carolina. Ela mesma não tem certeza, como relata em seu livro póstumo *Diário de Bitita*, visto que sua mãe lhe dissera que ela tinha seis anos no ano que o avô faleceu, 1927, o que significa que ela teria nascido em 1921 e não em 1914 (JESUS, *Diário de Bitita*, p. 123). Na cidade de Sacramento, onde nasceu, em Minas Gerais, a prática de registro de nascimento em cartório era interdita aos negros na época da escravidão (FERNANDEZ, *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus*, p. 7). De qualquer forma, comemorou-se o centenário do nascimento de Carolina em 2014 com o lançamento, entre outros eventos, de uma edição do *Diário de Bitita* pela SESI-SP editora.

<sup>5</sup> LEVINE; MEIHY, *The Life and Death of Carolina Maria de Jesus*, 1995.

<sup>6</sup> Na introdução ao livro que organizaram com os trechos dos diários que não foram utilizados por Audálio na sua organização do *Quarto de Despejo*, os dois historiadores, Levine e Meihy, afirmam que dada a sua altíssima vendagem, com quase 1 milhão de exemplares vendidos, o *Quarto* é um dos “mais relevantes textos da história do livro em nossa cultura”. LEVINE; MEIHY, “Preâmbulo necessário”. In: JESUS, *Meu estranho diário*, p. 8.

editora da UFRJ<sup>7</sup>. Carolina lutou incansavelmente por um lugar de paz e tranquilidade que fosse seu e onde pudesse ser livre escrevendo. Nesse devir-escritora, teve que superar inúmeros obstáculos e dificuldades. Como narra em *Diário de Bitita*, sua vida foi marcada por viagens, algumas a pé, outras de caminhão, e outras de trem. Primeiro na infância, foi de caminhão para uma fazenda em Lajeado com a mãe e o padrasto para trabalharem como colonos; depois, adolescente, foi a pé para Uberaba, Franca e Ribeirão Preto, cidades paulistas relativamente próximas do ponto de vista da distância de carro, mas bastante distantes quando se faz o percurso a pé, como fez Carolina a fim de procurar atendimento médico para feridas que tinha nas pernas e que não curavam. Perseguida por seus parentes de pele mais clara e pelos habitantes brancos da cidade, por ser uma mulher estranha que vivia lendo e falando coisas ‘inapropriadas’ para a sua origem social, além de filha ilegítima, fruto de um relacionamento extraconjugal da mãe com um violeiro de passagem pela cidade, acabou enxotada da sua cidade natal, Sacramento, Minas Gerais, após ter sido presa acusada injustamente de feitiçaria junto com sua mãe, que quis defendê-la<sup>8</sup>. Depois de muito sofrimento, amargura e decepção, finalmente, a sorte bateu à sua porta e Carolina conseguiu uma chance de emprego doméstico que a fez se mudar sozinha, sem a mãe, que já havia falecido, para São Paulo em 1937. Viagem feita, desta vez, de trem. Essa mudança vai ser decisiva para o futuro da escritora. São Paulo era a terra prometida para muitos imigrantes estrangeiros e migrantes nacionais. Impulsionada pela riqueza dos barões de café, a cidade iniciava seu processo de urbanização e industrialização acelerada. Lugar das editoras, dos jornais, possuía um ambiente cosmopolita bem mais propício à intelectual Carolina, do que Sacramento.

São Paulo prometia trabalho aos migrantes, mas, para as mulheres, conseguir emprego sempre foi mais difícil. Em 1947, dez anos após ter chegado na cidade, Carolina engravidada do seu primeiro filho, João José, e, despedida do emprego de doméstica, sem renda para alugar nada, foi morar na favela do Canindé, em um barraco construído por ela própria. Lá viveu durante onze anos com os três filhos, João José, José Carlos e Vera Eunice. Vera Eunice foi, dos três, a única que não nasceu no hospital, mas, sim, no barraco da mãe em Canindé, através das mãos da parteira, melhor amiga de Carolina, a espanhola Maria Puerta. Cada filho tinha um pai de nacionalidade diferente, todos europeus.

Carolina começa seu segundo livro, *Casa de Alvenaria*, também escrito na forma de diário, relatando a rotina de ir catar papel para poder alimentar os filhos e depois, uma novidade, arrumá-los para irem ao lançamento do seu livro, *Quarto de Despejo*. Aparentemente não havia nada de transformador na sua rotina. Nesse momento ela não suspeitava o que ocorreria com sua vida. O livro termina, entretanto, com o seu relato da ida ao teatro para assistir à montagem da peça baseada no seu livro. Entre a primeira entrada do livro, datada do dia 5 de maio de 1960, e a última, de 21 de maio de 1961, apenas um ano se passou, mas foi um ano de transformações profundas na vida de Carolina, que saiu dos becos lamacentos de Canindé para a casa de alvenaria em Santana, e de lá para os aeroportos, percorrendo várias cidades para lançar seu livro Brasil a fora, e pela América Latina. O enorme sucesso de venda de seu livro, sua alçada abrupta ao centro das atenções

---

<sup>7</sup> Outra publicação dos dois historiadores, *Meu estranho Diário* (1996), com trechos inéditos não selecionados para a compilação feita por Audálio Dantas para os dois livros de Carolina em que fez o trabalho de editoração, e trechos inéditos do seu diário do tempo em que já morava no sítio em Palheiros, também é considerada uma publicação essencial para a retomada do interesse pela obra de Carolina.

<sup>8</sup> Carolina trouxe de uma das casas em que trabalhou o *Dicionário prosódico de Portugal e Brasil*, de 1890, o primeiro dicionário com o qual havia se deparado, e quando entendeu para o que servia, não mais o largou, até que foi presa acusada de feitiçaria por supostamente estar lendo um livro que ensinava os rituais de ocultismo e exorcismo.

mediáticas e ao mundo da celebridade, se deram por uma conjunção favorável de fatores, tanto extrínsecos, quanto intrínsecos.

Vejam, primeiro, os fatores extrínsecos. O jornalista Audálio Dantas, natural do Alagoas, cobria em abril de 1958 a abertura de um pequeno parque municipal para crianças na favela do Canindé, quando avistou Carolina que ameaçava adultos que cismavam em utilizar os brinquedos infantis: “Deixe estar que eu vou botar vocês todos no meu livro!”<sup>9</sup>. Dantas foi conversar com Carolina. Ela o levou ao seu barraco onde guardava seus cadernos de anotações sobre a dura rotina da favela. O resto da história é bastante conhecida. Audálio entendeu que havia ali a ‘voz da favela’, um relato testemunhal, em primeira pessoa, de quem de fato vivia as agruras da precariedade das condições de vida naquele lugar. Transformado em livro, o diário se tornou um dos maiores sucessos editoriais do Brasil, vendendo 10 mil cópias em uma semana, e 60 mil em três meses. Foi graças ao clima político favorável, marcado pelo ‘populismo’ político e pela aparente vontade das ‘elites’ nacionais em apoiar a que uma representante da favela, a ‘voz do povo’, fosse, finalmente, e pela primeira vez, escutada e recepcionada com a devida consideração e respeito, que as anotações de Carolina foram tão bem aceitas<sup>10</sup>. Se as circunstâncias nacionais fossem diferentes, muito provavelmente ela jamais teria tido essa chance de ouro. Jamais, dado o passado racista e colonial dos donos do poder no Brasil, no qual, normalmente, as mulheres afrodescendentes, são triplamente estigmatizadas, por seu sexo, por sua raça, e por sua classe, uma mulher negra, favelada, se transformaria em ‘voz da favela’. Isso tanto é verdade que após um ano de sucesso, Carolina foi lentamente caindo no esquecimento e no ostracismo, até que o golpe militar e a censura dos militares a qualquer perspectiva que maculasse a ideia ufanista de um Brasil grande e maravilhoso, acabou de vez com as esperanças de que Carolina viesse a ser reconhecida em vida como a grande escritora que foi<sup>11</sup>. No Brasil dos militares, a voz das favelas foi completamente silenciada.

Mas não bastariam os elementos extrínsecos favoráveis, como a situação política do país, se o material publicado não fosse de fato muito bom e de grande qualidade. Audálio não ‘criou’ a escritora Carolina, porque ela já existia antes de Audálio. Isso é muito importante que se diga. Todas as dificuldades de vida descritas por Carolina nos seus livros autobiográficos mostram bem os inúmeros obstáculos sociais, psicológicos e físicos que teve que enfrentar para estar ali, naquele dia de abril, ameaçando os impertinentes adultos de denunciá-los em seu livro. Apesar de o título sugerir um conto de fadas, *A Cinderela negra*, os dois historiadores chamam acertadamente, no subtítulo, a história da vida de Carolina de *saga*. Nos contos de fadas, a mudança de uma situação desafortunada para uma afortunada ocorre graças à ação de outro indivíduo, como um príncipe que percebe por trás dos farrapos e da sujeira da mulher à sua frente uma bela e boa princesa. Apesar de a sorte ter batido à sua porta duas vezes, quando conseguiu um emprego em São Paulo e quando encontrou por acaso Audálio no parque infantil, jamais Carolina deixou de agir, jamais deixou de buscar a felicidade. Ela nunca acreditou que a felicidade poderia lhe ser dada de mão beijada. Por isso, desde que chegou a São Paulo, buscava um espaço para publicar seus textos. Jamais deixou de acreditar em si, e, por isso, nunca perdeu a altivez, o orgulho, a esperança, a independência, a despeito do menosprezo da sua família, vizinhos, patroas e da elite intelectual nacional, ao longo da sua vida.

Por que, passado o período militar, sua obra ainda não recebeu o reconhecimento que deveria ter em função não só de sua qualidade literária, mas também em função do valor

<sup>9</sup> DANTAS, “Apresentação: Nossa irmã Carolina”, p. 9.

<sup>10</sup> FERNANDEZ, *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus*, pp. 164-165.

<sup>11</sup> FERNANDEZ, *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus*, p. 166.

testemunhal que ela carrega: a voz de uma mulher negra que descreve e interpreta o Brasil em seus momentos cruciais no século XX, o início da República, a época do *boom* do café, a era Vargas, Kubitschek e o golpe militar de 1964?

Ainda que, graças à introdução do sistema de cotas raciais e a mudança do perfil sócio econômico dos alunos das universidades públicas nas últimas décadas, tenhamos assistido a um paulatino resgate de autores nacionais, latino-americanos e africanos, esquecidos pelo cânone ocidental, branco e heterocentrado, acredito que há ainda muito por fazer para mudar a visão eurocentrada e americanocentrada da *intelligentsia* brasileira, acomodada em seu lugar privilegiado, legitimadora do modelo social vigente. No meu entendimento, o Brasil não reverencia a memória de suas escritoras e de seus escritores negros, indígenas, quilombolas, da periferia e das favelas porque, como afirmou muito apropriadamente a artista e escritora Grada Kilomba em uma entrevista recente<sup>12</sup>, o Brasil é uma história do ‘sucesso colonial’, ou seja, até hoje, mesmo após o fim de 400 anos de colonização e de escravidão, a mentalidade colonial continua presente no imaginário social dos brasileiros que acreditam na existência de uma hierarquia ‘natural’ entre os culturalmente inferiores, descendentes de negros e indígenas, e os culturalmente superiores, descendentes de europeus. Ainda que a colonização tenha terminado há muito tempo, o racismo colonial é uma realidade facilmente constatável no Brasil. Por essa razão, uma mulher como Carolina, detentora de reconhecido talento literário, poético, analítico, não atinge o reconhecimento público que lhe é devido em função dos estereótipos que a sociedade lhe impingiu a partir dos marcadores de raça, classe, e gênero e sexualidade. Na cabeça dos conservadores, a obra de uma mulher negra e, por escolha própria, mãe solteira de três crianças, migrante do campo, moradora de favela, ex-empregada doméstica, com apenas dois anos de escolaridade, autodidata, só pode ser apreciada condescendentemente, isto é, como um caso interessante e folclórico, jamais, porém, ser alçada por direito à categoria de grande escritora nacional.

A sociedade brasileira patriarcal, racista, classista e colonial tratou-a com a condescendência usual, mas Carolina quis ir além porque sabia que tinha mais a oferecer. Não aceitou ser controlada, paternalizada, tratada com condescendência. Não aceitou se submeter às regras sociais que lhe impunham um comportamento dócil e submisso em função da sua quádrupla condição subalterna, mulher, negra, favelada e solteira. A ela seria possível ascender à ‘sala de visita’, mas deveria ter ficado satisfeita com isso, com essa ascensão somente, não lutar pelo seu espaço enquanto intelectual, escritora e intérprete do Brasil, campo notoriamente ocupado, quase exclusivamente, por homens brancos e, com poucas exceções, por homens negros e mulheres brancas. Na última reportagem sobre ela, um ano antes do seu falecimento, é tratada como uma delirante malvestida e suja, mas que guardava em sua sala de estar livros de autores clássicos da literatura mundial. Afinal, “por que será que uma negra pobre tem esses livros na sala?”, parece sugerir a jornalista ao seu leitor<sup>13</sup>.

Carolina, intelectual e poeta decolonial, testemunhou a consubstancialidade entre a opressão de raça, de gênero e de classe na forma com a qual a sociedade brasileira a tratou, mas nunca aceitou o ostracismo social ao qual sua condição periférica lhe impunha. Para satisfazer a vontade de Audálio, que queria publicar seus extratos testemunhais sobre a vida na favela no jornal em que trabalhava, ela continuou escrevendo seu diário, mas esse era um jogo estratégico. Fazia a performance de mulher submissa, dócil e dependente, para poder sair do lugar de extrema miséria

---

<sup>12</sup> KILOMBA, “O Brasil é uma história de sucesso colonial”, 2020.

<sup>13</sup> FERNANDEZ, *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus*, p. 221.

e subalternidade, mas sua vontade maior não era ser reconhecida como memorialista, mas sim como poetisa<sup>14</sup>. O desejo de Audálio de publicar uma voz da favela que denunciasses as condições de vida dos miseráveis era distinto do desejo de Carolina de ser reconhecida pelo seu trabalho ficcional e literário, principalmente seus poemas. Audálio, entretanto, como ficará claro depois, jamais teve interesse nessa ‘outra’ Carolina, seus olhos se voltavam apenas para a ‘mulher negra da favela vítima da pobreza’. Carolina, como mostram os extratos textuais não escolhidos para publicação por Audálio, nunca se sentiu confortável com o fato de ser colocada, através do seu diário, nesse lugar de testemunha e representante das mazelas na vida na favela. Ela não se reconhecia nessa imagem de vítima, presa a um destino cruel do qual ela não podia sair com o próprio esforço, pois isso contradizia o exemplo que recebeu do avô. Para Carolina, o ser humano livre, não escravo, poderia ser o que quisesse ser, desde que se esforçasse para tal e seguisse os princípios éticos básicos de respeito aos outros e de disciplina de trabalho. Seu caráter austero, pautado pela ética do trabalho e em certos princípios básicos da teologia cristã, como os dez mandamentos, foi forjado a partir da convivência com a figura masculina mais importante da sua vida, seu avô materno, por uns considerado o Sócrates africano, de quem herdou o entendimento de que o trabalho honrado e o respeito à dignidade humana são as únicas ferramentas necessárias para conquistar o que se quer<sup>15</sup>.

Abandonada pela mídia, cansada dos problemas com a vizinhança em Santana<sup>16</sup>, Carolina se mudou em 1969 com seus filhos para um sítio em Parelheiros, bairro na periferia de São Paulo, em busca de paz, tranquilidade para escrever e de um espaço para plantar e colher. Ela sempre guardou uma ótima lembrança do período que passou com sua mãe e seu padasto na fazenda de Lajeado. Nela, a família viveu a prodigalidade do plantio abundante e mesa farta. O dono da terra autorizou que utilizassem parte da terra para plantio próprio, mas a felicidade durou pouco, logo os dispensou alegando que não atingiam a meta desejada.

A falta da posse da terra e a dificuldade do plantio para subsistência foram, ao lado da ausência de projeto de educação do português para a colônia, os problemas centrais para o negro liberto, segundo Carolina. Analfabetos e sem terra para plantar e morar, os brasileiros afrodescendentes se tornaram injustamente os párias de uma sociedade que preferia, em alguns casos, empregar a mão de obra imigrante do colono europeu a pagar pela mão de obra do escravo que, ao contrário do europeu, conhecia as especificidades da terra e do clima do país. Sem lugar para morar, muitos permaneceram em condições semiescravas nas fazendas de seus antigos donos, enquanto outros afluíram para a cidade em busca de trabalho. Carolina se espantava com a quantidade de terras incultas quando sobrevoava o país para os lançamentos de seu primeiro livro.

Felizmente, a sua desilusão com a baixa recepção de seus outros escritos, não lhe tirou a motivação e a inspiração para escrever. Continuou escrevendo até o final da sua vida, deixando mais de cinco mil páginas manuscritas<sup>17</sup>. Aos poucos, muitas obras inéditas vão sendo publicadas, graças ao trabalho metódico de pesquisadores que se debruçam sobre seus cadernos.

---

<sup>14</sup> PERPÉTUA, “*Aquém do quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário*”, 2003.

<sup>15</sup> Ver os livros *Provérbios* e *Diários de Bítita* para uma compreensão detalhada da importância do avô na vida de Carolina.

<sup>16</sup> JESUS, *Meu estranho diário*, p. 201.

<sup>17</sup> FERNANDEZ, *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus*, 2019.

## 1. Desagenciamento e condescendência como forma de opressão

O organizador dos seus dois primeiros livros, o jornalista Audálio Dantas, finaliza o prefácio do segundo livro de Carolina, *Casa de Alvenaria, diário de uma ex-favelada*, de modo autoritário, com as seguintes palavras dirigidas a ela: “Agora você está na sala de visitas e continua a contribuir com este novo livro, com o qual você pode dar por *encerrada a sua missão*. (...) Guarde aquelas ‘poesias’, aqueles ‘contos’, aqueles ‘romances’ que você escreveu [itálicos meus]”<sup>18</sup>. Quem era ele para determinar quando um autor deve começar e terminar de escrever e publicar livros? Como alguém pode se achar no direito de escrever no prefácio do livro do autor que este deveria considerar sua missão cumprida? Como ele se atreve a falar para Carolina guardar seus escritos ficcionais quando ele sabia desde o início que a única coisa que a interessava era justamente publicá-los, pois nunca deu valor aos escritos testemunhais e diaristas sobre a favela?

Para que um jornalista se sinta absolutamente seguro ao escrever essas palavras que, de outra forma seriam tidas como absolutamente indecorosas e agressivas, ele precisa estar muito seguro de si, do lugar social que ocupa, para falar sobre o futuro literário de uma autora negra, do alto da sua condição privilegiada de homem, hetero, branco, cristão, cis. Ele seguramente achava que ocupava um lugar privilegiado e reconhecido socialmente como jornalista engajado com as causas do povo miserável por direito e mérito, isto é, porque era simplesmente um ótimo jornalista. Não lhe passava pela cabeça que a sociedade que coloca os pobres em condições de vida absolutamente indignas é a mesma sociedade que lhe permite ser jornalista de prestígio. Portando, ao negar a Carolina o direito de ser escritora ele estava reproduzindo o discurso de classe e raça da elite brasileira. A sua ‘cegueira’ tanto aos aspectos interseccionais da opressão, quanto ao fato de que classe não é o único vetor de opressão, mas que além desse há também, e de forma combinada, os vetores de raça, gênero e sexualidade, é, ao meu, ver uma ‘cegueira interessada’, porque lhe favorece, isto é, lhe outorga um acesso a uma forma de prestígio social e poder negada a outras pessoas. É assim, do alto desse lugar supostamente desinteressado de poder, desse lugar ‘generoso’ da condescendência patriarcal<sup>19</sup> que ele se dá o direito de emitir um julgamento grosseiro e ofensivo justamente no espaço que normalmente é destinado a uma apresentação empática do autor e da obra em questão. Que sociedade é essa que dá a uma pessoa o direito de humilhar publicamente a outra sem sequer transparecer algum tipo de dificuldade ética com isso?

Audálio certamente teve um papel crucial na vida de Carolina, a ‘descobriu’ quando visitava como jornalista a favela de Canindé. Assim que Carolina lhe mostrou seus cadernos, teve a sagacidade de perceber a sua preciosidade. Criado e educado, entretanto, em uma sociedade machista, como a brasileira, não foi capaz de entender que não era ele que estava ‘criando’ a escritora Carolina de Jesus, por isso não poderia ser ele que determinaria quando ela deveria parar de escrever. Carolina começou a escrever muito jovem quando ainda morava na cidade de Sacramento (MG), mas como ela mesma, no auge da fama, disse quando esteve no Rio de Janeiro para o lançamento do seu livro em entrevista ao jornal *Tribuna da Imprensa*, na edição do dia 8 de novembro de 1960, o talento literário dela foi despertado somente quando ela deixou a vida ‘apática’ do interior e foi para São Paulo em 1937. Estimulada pelo ambiente novo e desafiador, ela ‘teve que fazer sua cabeça funcionar’, e para evitar a confusão de ideias na sua cabeça, ela decidiu anotar seus pensamentos. Não sabia, entretanto, qual destino dar a esses escritos até que o certo

<sup>18</sup> DANTAS, “Casa de Alvenaria- história de uma ascensão social”, p. 6.

<sup>19</sup> CASTRO, “Condescendência: estratégia pater-colonial de poder”, 2020.

indivíduo chamado Luis Catapano lhe dissesse que seus escritos eram versos e que ela deveria levá-los para as redações de jornais<sup>20</sup>. Nessa entrevista, Carolina não menciona Audálio como o seu mentor. Quem, de direito, nas palavras de Carolina, poderia ser chamado de o ‘revelador’ do seu talento literário seria esse ilustre sujeito desconhecido, Luis Catapano. Interessa aqui salientar que o que a faz se considerar uma escritora não são os diários, mas sim a sua poesia, por isso o seu marco de referência é o ano de 1937, quando encontrou Catapano, e não 1958, quando encontrou Audálio. Não se pode sequer dizer que Audálio tenha sido o primeiro a publicar Carolina. Em 25 de fevereiro de 1940, dezoito anos antes dela ser ‘descoberta’ por ele em Canindé, ela foi entrevistada pelo jornalista Willy Aureli, da *Folha da Manhã* (SP). À reportagem foi incluída, além da entrevista, na qual ela diz, entre outras coisas, que é poetisa, mas ninguém a leva a sério, o poema que ela declamou para o repórter, “O Fazendeiro e o Colono”. O poema narra a relação injusta entre fazendeiro e colono, na qual este trabalha, mas está sempre endividado. No final, o jornalista profetisa: “É possível que ainda se torne célebre!”. Depois, na sua edição de 17 de junho de 1950, o jornal *O defensor* publica outro poema seu sobre ex-Presidente Getúlio Vargas. Tanto na entrevista ao jornal *Folha da Manhã*, aos 26 anos, quanto em outra entrevista que dá, dois anos depois, ao jornal *A Noite*, aparece radiante de felicidade, bem-vestida e sem aquela que passou a ser sua marca registrada, o lenço na cabeça, após a publicação do *Quarto*<sup>21</sup>.

Carolina já era uma escritora muito antes de Audálio ter surgido em sua vida, e continuaria a ser, independente de ele achar que ela teria ou não cumprido a sua missão. Qualquer que seja a ‘missão’ que ele pensasse que ela teria cumprido, o fato é que por ter sido o responsável pela escolha dos trechos do diário que haveriam de ser publicados, ele acabou de fato criando uma certa imagem de uma autora monotemática, marcada na sua subjetividade quase que exclusivamente pela experiência da vida na favela com os três filhos. No fundo, não lhe interessava mais ouvir a história da Carolina, a escritora, e o que ela pensava sobre a cidade, a sociedade, ou a política, porque ela, na sua cabeça, já teria servido à finalidade a que ele a destinou. O recorte de classe e a voz que falasse pela favela era o único aspecto da obra de Carolina que interessava a Audálio. Ele acreditava que a única narrativa interessante que Carolina tinha para contar era a sua história sobre a miséria e a vida na favela. Ele quis enclausurar toda a criatividade da escritora Carolina dentro desse rótulo ‘a favelada’. No fundo, não acreditava que aquela ‘mulher’, com tão pouca instrução fosse de fato uma escritora de mão cheia. O ‘ser escritora’ havia sido, na cabeça dele, apenas uma situação passageira. No fundo, ela era, e sempre seria, na visão dele, ‘Carolina, a catadora de papel’. Como se pode depreender dos comentários dela sobre ele, no segundo livro, ele sempre a tratou com a condescendência de um pai que não quer que o filho faça escolhas que considera ruins. Após a morte de Carolina, ele disse que ela morreu pobre porque havia gasto seu dinheiro com seus amantes pobres<sup>22</sup>, uma hipótese que além de falsa, como o comprovam seus filhos, mostra o velho preconceito do homem branco com relação à mulher negra, vista de modo estereotipado e colonialista como promiscua.

---

<sup>20</sup> AURELI, “Entrevista com Carolina Maria de Jesus”, 1940.

<sup>21</sup> Em entrevista, Raffaella Fernandez compara a imagem de uma Carolina sem lenço e sorridente, que ilustra a capa de seu livro, com a imagem dela com o lenço na cabeça pela qual ficou conhecida: “É uma imagem muito distante daquelas que, aos poucos fui percebendo, foram montadas por apelo editorial, as de uma Carolina estigmatizada, colocada sempre no lugar da pobreza, do sofrimento, cabisbaixa com um lenço na cabeça. Carolina, ao contrário disso, nos seus manuscritos e na própria produção literária que não é conhecida, que não veio a público ainda infelizmente, revela uma outra mulher, com um desejo constante de se refazer e de criar, como a fantasia de carnaval que ela recriava e vestia todos os anos”. *Suplemento Pernambuco, Jornal Literário da Companhia Editora de Pernambuco*, 2019.

<sup>22</sup> LEVINE; MEIHY, *Cinderela Negra*, p. 43.

Carolina não foi uma escritora de um livro só, pelo contrário, além do *Quarto de Despejo*, publicou pela mesma editora, a Francisco Alves, o já citado *Casa de Alvenaria* (1961), no qual relata, também na forma de diário, a sua vida e a dos filhos desde o dia do lançamento do livro *Quarto de Despejo*, em 5 de maio de 1960, até o dia em que foi assistir à peça baseada no seu primeiro livro, estrelada pela atriz Ruth de Souza, em 21 de maio de 1961. Publicou também, por outra editora, o romance *Pedaços da Fome* em 1963, e financiou a publicação em 1965 do seu quarto livro *Provérbios*. Após ter se mudado para o sítio em Palheiros, onde pôde finalmente realizar seu sonho de ter um espaço para plantar, Carolina recebeu, já idosa e combalida, a visita de jornalistas francesas a quem confiou os manuscritos do que depois veio a ser conhecido como o livro de memórias da sua infância, *Diário de Bitita*, publicado postumamente em 1982 na França, e ‘traduzido’ para o português em 1986. Além desses quatro livros, Carolina deixou entre as 5 mil páginas manuscritas, inúmeros romances, poemas, peças de teatro. Ela era uma escritora talentosa e versátil, capaz de passar de um gênero literário para o outro sem maiores problemas.

## 2. Agenciamento através da escrita

Uma das questões fundamentais da escrita e literatura de Carolina, e de outras autoras negras, é o do fim do seu silenciamento. Normalmente, os relatos sobre a escravidão, sobre a opressão de gênero, ou sobre o racismo, são feitas a partir do olhar do escritor/a branco/a. Mesmo que esse escritor ou escritora sejam bem-intencionados e queiram de fato descrever as situações de racismo, esse relato jamais será autêntico, porque a ele faltará a experiência vivida. Ao supor que falar em nome de um grupo invisibilizado e silenciado é uma forma de ajudar esse grupo, mais uma vez esse narrador branco está sendo condescendente. A rigor, só pode falar sobre racismo quem já viveu o racismo na pele. Mas nem todo mundo tem esse talento de saber escrever sobre sua experiência, por isso os escritores são tão importantes. Graças ao seu talento descritivo e analítico, são capazes de vocalizar, dar expressão àquele sentimento que todos sentem, mas aos quais lhes faltam palavras para descrever. A brasileira Carolina Maria de Jesus é uma dessas autoras indispensáveis porque, ao contar a sua experiência de vida na favela ou na cidade pequena em que nasceu, ela ao mesmo tempo está trazendo à luz situações semelhantes vividas por outras pessoas, mas sob ponto de vista da mulher e mãe negra. Comparativamente, são poucas as escritoras mulheres, e menos ainda as escritoras negras, no entanto, as favelas são cheias de mulheres que criam sozinhas os seus filhos. É óbvio que o relato de Carolina diz mais sobre o que significa viver em uma favela para essas mulheres, do que a leitura, digamos, do relato frio de um jornalista. Ambas são perspectivas ricas e igualmente válidas, mas uma não pode suplantar a outras. Em resumo, a subalternidade é um lugar no qual muitos homens e mulheres periféricos estão submetidos, porque não possuem meios nem reconhecimento necessários para serem ouvidos por um público mais amplo.

Certamente o estilo realista do *Quarto de Despejo*, mesclado com pitadas de lirismo e romantismo, captura a imaginação de quem quer que o leia. O texto não perdeu sua atualidade apesar de todas as mudanças pelas quais as favelas passaram de 1958 até os dias atuais. No meu entendimento, o que torna essa obra um escrito poderoso, é o sentimento que o leitor fica de que, apesar de toda a situação degradante, Carolina em momento algum se desespera ou desiste. Ela jamais deixa que a pobreza da família seja razão para que ela não aja como mãe zelosa pela segurança e felicidade dos filhos. O que a distingue de todas as demais moradoras da favela que lutavam

diariamente para conseguir o mínimo necessário para sobreviver, é que ela combatia o desespero da fome com a escrita.

Em seu livro póstumo, *Diário de Bitita*, narra a sua história desde a infância até a sua partida para São Paulo, já adulta. Há várias questões importantes nesse livro a serem melhor analisadas. Destaco o fato de Carolina ter feito um relato muito parecido ao da escritora afroamericana, Toni Morrison, em seu livro de estreia, *O olho mais azul*. Ambas as autoras colocaram, na boca de uma criança, todo o espanto com um mundo violento e racista. Outra similaridade entre as duas obras está na crítica que ambas fazem ao racismo dos negros claros, mulatos. Normalmente, se diria que nos EUA o racismo afeta a todos os afrodescendentes independentemente da cor da pele, mas Toni Morrison mostra que a história não é bem essa. Como aqui, lá também os negros de pele clara são considerados mais integrados socialmente do que os de pele mais escuras. Tal qual as irmãs do livro de Morrison, personagens das lembranças da sua infância, a jovem Bitita mostra uma arguta inteligência e questiona o direito que o filho branco do juiz tem em importunar as meninas negras apertando os seus seios. Apesar de ser discriminada na família por ter a pele mais escura que os outros, Bitita/Carolina adora a sua cor e diz não ter problema com ela. Por outro lado, quando a dona da fazenda em que Bitita e sua família moram, lhe promete trazer um remédio que a vai transformá-la em uma menina branca de nariz afilado, ela aceita entusiasmadamente a oferta. Mas, para sua decepção, a patroa não cumpre com o prometido e Bitita desde esse dia se recusa a trabalhar para ela. A questão da autoestima com relação à beleza negra é um tema importante no romance de Morrison, no qual o título faz referência justamente a uma menina cujo sonho era o de ter os olhos azuis. Bitita tinha um forte sentimento de justiça: sabia que a polícia da sua cidade não era justa na abordagem das pessoas, pois protegia as pessoas brancas e prendia e espancava os afrodescendentes e nordestinos migrantes. Ela mesma foi presa uma vez por falsa acusação de roubo. Carolina aprendeu a ler rapidamente e esse fato mudou radicalmente a sua vida. Ela sempre foi uma criança inquieta e questionadora, como o *Diário de Bitita* nos mostra. Parecida à personagem de quadrinhos argentina, Mafalda, a pequena Bitita torrava a paciência dos adultos com suas perguntas, assim como mostrava enorme maturidade ao se colocar questões existenciais e políticas que, normalmente, uma criança da sua idade não faria. Uma vez munida do poder da leitura, ela não podia deixar de criticar a forma injusta com a qual os negros eram tratados na cidade em que nasceu. Tal qual os estados sulistas norte-americanos, essas cidades do interior de Minas Gerais continuaram com o forte registro da discriminação racial muito tempo depois da abolição da escravidão.

Como diz a epígrafe deste artigo, o projeto colonial foi um sucesso no Brasil na medida em que deixou os escravos sem educação, pois uma vez libertos, eles se tornaram presas fáceis das manipulações políticas da República brasileira. Para Carolina, um Brasil para brasileiros seria um Brasil no qual não fosse negada educação e terra para ninguém.

## Referências bibliográficas

AURELI, W. “Entrevista com Carolina Maria de Jesus”. In: *Folha da Manhã*, fevereiro, 1940. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=154083\\_02&PagFis=3394](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=154083_02&PagFis=3394)

CASTRO, Susana de. “Condescendência: estratégia pater-colonial de poder”. In: Hollanda, Heloisa Buarque. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar, 2020.

DANTAS, Audálio. “Apresentação: nossa irmã Carolina”. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo, diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960 (6ª. Edição).

DANTAS, Audálio. “Casa de Alvenaria – história de uma ascensão social”. Apresentação. In: JESUS, Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria, diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1961.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo, diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2009.

\_\_\_\_\_. *Casa de Alvenaria, diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1961.

\_\_\_\_\_. *Provérbios*. São Paulo: Edição da Autora, 1963.

\_\_\_\_\_. *Meu estranho diário*. LEVINE, Robert; MEIHY, José Carlos Sebe Bom (orgs.). São Paulo: Xamã, 1996.

\_\_\_\_\_. *Diário de Bitita*. São Paulo: SESI-SP, 2014.

\_\_\_\_\_. *O Sócrates africano*. In: FERNANDEZ, Raffaella (org.) *Carolina Maria de Jesus, meu sonho é escrever*. São Paulo: Ciclo, 2018.

FERNANDEZ, Raffaella *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus*. São Paulo: Aetia editorial, 2019.

\_\_\_\_\_. “Entrevista”. In: *Suplemento Pernambuco, Jornal Literário da Companhia Editora de Pernambuco*. Publicado em 08 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/2282-entrevista-raffaella-fernandez.html>

KILOMBA, Grada. “O Brasil é uma história de sucesso colonial”. In: CNN Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/06/06o-brasil-e-uma-historia-de-sucesso-colonial-lamenta-grada-kilomba>

MORRISON, Toni. *O olbo mais azul*. Trad. Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEVINE, Robert; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *The Life and Death of Carolina Maria de Jesus*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Cinderela Negra. A Saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

PERPÉTUA, Elzira Divina. “Aquém do quarto de despejo: a palavra de Carolina Marai de Jesus nos manuscritos de seu diário”. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 22. Brasília, janeiro/junho, 2003, pp. 63-83.